

Notas sobre a escuta (e colaboração na educação)

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Composição e Sonologia

Daniel Fils Puig
Centro de Formação em Artes e Comunicação, UFSB
Programa de Pós-Graduação em Música, UNIRIO
daniel.puig@cja.ufsb.edu.br

Resumo. Nestas cinco notas discuto uma definição relacional da escuta e aponto quatro características derivadas, que constituem formas de relação com a escuta. Faço uma abdução dessas características para ressaltar seu caráter político, interligando esses processos à memória e imaginação sonoras. Ao mesmo tempo, abordo o papel da escuta na educação, em processos de colaboração entre pessoas e instituições. Por fim, anoto duas características de redes sonoras não-humanas, com ligações ainda implícitas com as ideias apresentadas.

Palavras-chave. Escuta, Educação, Colaboração, Redes sonoras.

Notes on listening (and collaboration in education)

Abstract. In these five notes I discuss a relational definition of listening and point out four characteristics, which constitute forms of relationship to listening. Through an abduction I highlight their political character, linking these processes to sound memory and imagination. At the same time, I address the role of listening in education, in processes of collaboration between individuals and institutions. Finally, I address two characteristics of non-human sounding networks, with still implicit links to the ideas presented.

Keywords. Listening, Education, Collaboration, Sounding networks.

1. A diferença entre ouvir e escutar está na atenção

A depender da região em que se fala o português, o significado dessas duas palavras pode variar, mas não importa em qual das duas direções possíveis se entende o sentido dessa afirmação, a diferença continua a mesma. Para mim, **ouvir** é o resultado da atividade biológica ligada ao aparelho auditivo, acontece por que nossas orelhas, ouvidos e todos processos ligados à audição funcionam. É a simples experiência de perceber um som, às vezes de forma velada — pouco atenta ou à distância, com pouca presença —, mas que pode ser refeita pela memória, tanto sonora quanto espaço-temporal. Já, **escutar**, é algo mais, requer uma nova *atenção*, que mergulha no próprio som, que procura alguma coisa na sua produção, e tudo mais que é possível a partir daí. É nela, na atenção, que está a diferença que dispara a escuta. Experimente assumir a postura de cada uma dessas palavras — ouvir e escutar — e vai perceber que estou falando de

uma diferença que é difícil descrever com palavras, e para a qual a palavra “atenção” apenas aponta. Essa diferença não é localizável, ela não está no ouvir ou no escutar, mas emerge ao colocarmos essas duas posturas em relação uma com a outra. Essa diferença evidencia que pessoas que não ouvem, podem escutar. (Para entender o argumento, é importante refazer a experiência que está sugerida neste parágrafo, assim como outras apresentadas no texto.)

Compartilhamos muitas experiências de escuta sobre as quais pouco falamos, principalmente quando: nossa língua é limitada para isso e a cultura reforça outras características da experiência no mundo. O privilégio de ser professor (e estudante) de música e som, me levou a trabalhar a escuta na educação infantil, ensino fundamental, médio e superior. Pude observar as mais diferentes escutas em todas as idades e em muitas situações e culturas, e ainda acompanhar as mesmas pessoas ao longo de idades diferentes. Quem sabe, isso possa ser considerado uma pesquisa direta na fonte. De fato, sempre foi acompanhada de leituras e debates no meio acadêmico, educacional e artístico. Por tudo isso, sei que outras pessoas compartilham as mesmas experiências de forma mais ou menos consciente.

A literatura inter-transdisciplinar sobre o tema da escuta — com uma parte produzida em perspectiva suleadora, na ruptura com a academia e a partir das vozes invisibilizadas (Oyewumi, 2016; Kopenawa e Albert, 2015; entre outros) — em grande parte argumenta que: a consciência da atenção que dispara a escuta é suficiente para mudar as formas de se relacionar com o mundo e nisso está seu caráter revolucionário. Escutar implica reconhecer a própria posição, real e metafórica, reconhecer-se como parte da experiência e, portanto, implicado/a/ nela.

Assim, *entendo a escuta como a forma implicada e atenta do ouvir*. Essa descrição parece útil, ao apontar não apenas para os dois pólos da experiência, mas para a relação entre eles. Podemos imaginar que são dois pólos em um mesmo plano, onde nos deslocamos pela atenção. E onde, uma postura, ouvir ou escutar, sempre faz parte da outra. Imaginando isso, podemos imaginar também uma dinâmica múltipla, onde sejam possíveis vários movimentos simultâneos da atenção, como no foco da escuta, que desenvolvo abaixo. Aquilo que apresento nestas notas, procura não excluir pessoas sem a capacidade de ouvir ou com limitações na audição, desde que se leia os argumentos a partir dessa perspectiva: de uma escuta que prescinde do pólo do ouvir.

2. Quatro características da escuta

Uma primeira característica da escuta que tende a ser naturalizada e esquecida, é o fato de que quando percebemos um som também entendemos algo sobre o *espaço*. Basta deslocar a atenção para esse aspecto dos sons à nossa volta, para entender. Ao escutar um som, sabemos algo sobre sua posição (de onde vem) e sobre o ambiente onde acontece (tamanho, barreiras, ar livre, fechado, virtual etc). Não precisamos ativar a visão, basta a escuta. Ou seja, na própria experiência perceptiva, sem o uso de palavras, ao escutar um som entendemos muito sobre o espaço, como parte integrada à experiência. Essa característica é uma das bases de redes sonoras entre animais, onde posições, território e mais, podem ser afirmados pelo som, sem necessidade de *ver* outros indivíduos ou grupos. Ela ecoa em nossa configuração biológica, que une: tímpanos, cócleas e labirintos, para perceber som e posição no espaço (cabeça-corpo). Quem cria com sons gravados ou captados, trabalha essa característica com a reverberação. Apontar a percepção imediata do espaço através do som como uma característica importante da escuta, é uma guerrilha pacífica contra a hegemonia da altura e do ritmo, além de conectar-se com escutas em diferentes culturas, não-hegemônicas a partir da matriz ocidental, e que tem especial riqueza no Brasil.

Essa atenção à escuta está na base de uma forma de conceber o ato de pensar e de estar no mundo, situando-se *espacialmente* em relação com outros entes, como muito bem demonstrou Piedade,¹ a respeito dos povos Waujá. (...) [Ele] discute que a noção de ouvir, expressa também no verbo waujá katulūnaku, significando “ouvir”, literalmente sendo traduzido como “ter o ouvido em”, aponta para a *espacialização* que esse ato implica, indicando que o ouvido está disposto *espacialmente* junto ao som que ele ouve. Ouvir é então um ato tátil, de copresença. (Tugny, 2015, p.20; grifos meus)

Se podemos dizer que o som é um processo, por ser um fenômeno que se dá no tempo, e se nossa percepção sonora do espaço está ligada ao tempo em que o som percorre o espaço à nossa volta, então podemos imaginar *som-espaço-tempo* como um único processo, um único campo, uma unidade, onde qualquer divisão entre eles é arbitrária, mesmo que profundamente justificada. Essa ideia abre a porta de uma escuta. Trata-se de perceber em outra posição e não de tentativa de redução. Lembrando Pauline Oliveros (2005), para provocar uma sensação de

¹ PIEDADE, Acácio Tadeu de C. **O canto do Kawoká: música, cosmologia e filosofia entre os Waujá do Alto Xingu.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

copresença naquilo que normalmente dividimos em três dimensões e grandezas diferentes, sugiro uma prática de concentração. Feche os olhos para jogar a atenção na escuta e tome *consciência* dos elementos a seguir no próprio corpo, para depois diluir uma percepção na outra. Procure um estado mental em que você apenas observa o que acontece: 1) Ouça a paisagem sonora, tome consciência dela. 2) Tome consciência do espaço à sua volta através do som, i.e., daquilo que você percebe do espaço na própria percepção do som. 3) Observe a respiração e a sucessão dos eventos sonoros para tomar consciência do tempo. 4) Dilua uma percepção na outra e permaneça assim por algum tempo.

O som está interligado ao espaçotempo, e ouvir-escutar, em qualquer uma de suas potências, se dá sempre nesse campo em processo, ou, no agora. Desde Steven Feld (1982) uma parte de nós passou a conhecer em detalhes, numa tradução daquilo que os Kaluli, os Yanomami e outros povos, já sabem há muito tempo, que essa escuta global pode formar a base de uma cultura.

A segunda característica da escuta a apontar, para a qual posso apenas oferecer exemplos, é que a escuta tem *foco*, diferente do foco das lentes. Ele se dá no espaço mental, da atenção. Frente a um grupo musical ou uma paisagem sonora, foca-se nos sons agudos, por exemplo, depositando atenção ali. Quanto maior for a concentração no foco, a atenção nessa escuta, maior será um certo apagamento de outros sons, como se passassem ao pólo do ouvir. O foco da escuta também pode ser, ao mesmo tempo, *amplo e específico*, abarcando toda uma paisagem sonora e procurando pela marca de um único tipo de fonte sonora em vários pontos do espaço. Por exemplo, em uma paisagem sonora ampla, procurar escutar apenas um tipo de ave ou determinado som urbano. Musicistas conseguem focar em aspectos *internos* ao som, como sua configuração espectral no tempo, detalhes de timbre e ritmos internos, e reproduzi-los. O foco também permite identificar uma voz em um vozerio ou um instrumento musical numa massa sonora. Ou revela os sons de fundo, o som presente e apagado do cotidiano, as camadas (des)conhecidas da gravação escutada diversas vezes. Com o foco da escuta, acontecem descobertas que não seriam possíveis sem ele e apagamentos irre recuperáveis. Confirmando sua diferença das lentes — por ser parecido, mas não igual —, o foco da escuta pode procurar escutar o conjunto, o todo, aquilo que emerge de tudo soando junto, ou seja, um foco amplo, que procura o resultado sonoro total, de tudo que ressoa ao mesmo tempo. E, por paradoxal que pareça, esse é um exemplo de foco da escuta que requer muito treino. A escuta tem foco. E a consciência dele abre outras portas.

Aquilo que é possível aprender com a escuta sem o uso de palavras, é a terceira característica para a qual aponto. O uso do verbo *aprender* já anuncia que se trata de uma característica mais global. Só é possível localizá-la na escuta por conta da atenção implicada, meu primeiro argumento. Ao descrever aquilo a que me refiro, percebo que um dos *resultados* dessa característica é a possibilidade de verbalizar uma análise depois da percepção do som. Conseguimos falar muito sobre coisas que se deram muito rapidamente no som. No entanto, ao fazer isso, fica evidente que uma boa parte da experiência não pode ser descrita em palavras, como em toda percepção. E que, ao escutarmos, entendemos muitas coisas que estão nesse campo indizível. Entendemos, em um instante, detalhes do som para os quais não precisamos de palavras: materiais, condições de emissão, movimentos no espaço, alturas e ritmos, por exemplo. Essa característica é interdependente da memória e da observação, ou seja, de experiências prévias com o som e das relações que as acompanham. Usamos muito essa característica da escuta no cotidiano sem parar para pensar nisso. Por exemplo, ela possibilita reconhecer em uma palavra — “Alô” — quem está falando em uma chamada de voz à distância, mesmo em diferentes dispositivos e condições de escuta. Ou reconhecer o estado de espírito da pessoa, se está feliz, disposta, motivada, nervosa, triste, preocupada etc. (Estendemos isso a nossas relações com não-humanos, mesmo que muitas vezes façamos tentando impingir a outros seres nossas formas de es(cu)tar no mundo.) Essa característica da escuta pode nos proteger quando não vemos, fornecendo detalhes a respeito da fonte sonora, independente da nossa vontade. No limite daquilo a que me refiro, está a capacidade de desviar de algo rápido arremessado pelas nossas costas, como uma bola em um campo de futebol. Sem olhar a bola, a escuta fornece o que é necessário para tentar desviar. Em outros momentos, essa característica da escuta nos traz imenso prazer ao percebermos as singularidades, sutilezas, identidades de gestos sonoros, musicais, sem conseguir exprimi-las em palavras. Aprendemos muitas coisas através da escuta sem o uso de palavras, isso é algo próprio da atenção da escuta e só emerge a partir dela.

Por fim, uma *re*-característica, que também é meta-característica, da escuta. Temos de fato cinco sentidos? Ou temos sempre aquilo que emerge da combinação dos sentidos, a todo instante, numa dinâmica complexa? No contexto dessa questão, quero explorar uma ideia em torno da diferença apresentada no início do texto. Da mesma maneira que escutar é a forma implicada e atenta do ouvir, esse tipo de relação se repete para todos os sentidos. Há uma forma implicada e atenta de ver, cheirar, saborear, tatear. Será que essa diferença, não-localizável, que

emerge entre ouvir e escutar, é a mesma para todos os sentidos? (Será rizomática?) Seria esse um caminho de análise (artística) daquilo que interliga os sentidos?

Resumindo os dois argumentos apresentados até aqui, ao entender a escuta como a forma implicada e atenta do ouvir, procuro apontar quatro características: sua interligação com o espaço-tempo, seu foco, o que aprendemos sem palavras e a multi(trans?)modalidade em que está inserida. A posição de observação da escuta foi *intrapessoal* e por isso compreender os argumentos depende de uma experiência direta, que o texto procurou induzir no leitor/a/e. A seguir, tento observar os mesmos pontos a partir de uma posição *interpessoal*, empática. Nessa virada, percebe-se o forte caráter político da escuta.

3. Escutar é um ato político

No livro *Pedagogia da Autonomia*, no item 3.6, *Ensinar exige saber escutar*, Paulo Freire (1996, p.43) lembra que se “o sonho que nos anima é democrático e solidário”, então aprendemos a escutar. Desenvolvendo essa ideia, conclui que (grifos do autor):

... ensinar não é transferir inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim *escutar* o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar *com* ele.

Em favor de uma educação humanista e progressista, Freire desenvolve ainda argumentos pela inclusão e estudo das habilidades de escuta na formação de professores. Para ele, “aceitar e respeitar a diferença é uma dessas virtudes sem o que a escuta não se pode dar” (...), “se me sinto superior ao diferente, não importa quem seja, recuso-me *escutá-lo* ou *escutá-la*”. As consequências práticas dessa postura inclusiva de escuta, são a marca de sua pedagogia. A partir de Freire, em ressonância com outros pensadores, entendemos que escutar e conhecer mais sobre a escuta são atos políticos, e necessários à formação, especialmente para a docência.

Tive a oportunidade de coordenar (2015-16) a implantação de uma interface pioneira entre ensino superior federal e ensino médio estadual, que pressupõe a coordenação horizontal, colaborativa, entre as instituições envolvidas nos dois sistemas de ensino. Iniciamos o processo pela escuta das escolas que aderiram ao programa piloto. A escuta tornou-se a base de todo o processo, que possibilitou uma verdadeira parceria da universidade e das escolas, transformando suas atividades pedagógicas na formação de estudantes, docentes e técnicos dos dois

sistemas.² Pude observar nestes anos, que as maiores dificuldades de colaboração surgem precisamente quando a escuta é quebrada, o que significa que não há diálogo e que o processo segue para uma des-responsabilização (sem resposta). Durante o estágio de pós-doutorado e no seu seguimento,³ tive oportunidade de observar de forma detalhada e reiterada como esse padrão se repete em outras situações envolvendo a colaboração entre instituições.

O que busco fazer agora é uma abdução daquilo que foi apresentado nas notas 1. e 2. Ela pode ser entendida como uma transdução, tradução ou translação de características e relações, entre processos de escuta, de maneira a desvelar algo sobre os processos. Não é uma tentativa de validar os argumentos, mas uma extensão deles. Em outras palavras, uma virada sobre os mesmos argumentos, da posição de observação intrapessoal, para uma posição de observação do interpessoal.

Quando alguém escuta outra pessoa, deposita atenção e isso é perceptível, emerge uma diferença. Se a escuta for efetiva, há resposta coerente e pode-se estabelecer diálogo. A atenção, novamente, apenas aponta para algo que emerge, uma diferença, escuta, que se confirma ou não através de algo que não está mais no plano mental, mas no das ações, portanto social e político. Mesmo assim, a diferença que marca o escutar, ainda está na atenção (1º argumento). De maneira similar — análoga, de mesma topologia, fractal — ou, talvez, no mesmo rizoma, as outras quatro características ou relações da escuta (2º argumento) também permanecem e se expandem para o campo das ações no mundo, reforçando a compreensão da sua dimensão política.

A escuta entre pessoas, como num diálogo ou no exercício democrático (aqui não me refiro às eleições, mas a qualquer exercício democrático), também só acontece em um espaço-tempo comum (1ª característica). Seja ele, real ou virtual, síncrono ou assíncrono, precisa ser compartilhado. Apenas como um exemplo de análise, isso se dá na leitura de um texto como este. Há um espaço-tempo virtual e assíncrono compartilhado, que só permite a escuta de um lado, o seu. Assim como a escuta intrapessoal se dá no som-espaço-tempo, nessa unidade, a escuta interpessoal, que é a mesma escuta, só acontece nessa unidade. Por isso, toda escuta entre

² Para conhecer a experiência dos Complexos Integrados de Educação na UFSB, Universidade Federal do Sul da Bahia, ver: TUGNY e GONÇALVES (Org.) **Universidade popular e encontro de saberes**. Salvador: EDUFBA; Brasília: UnB: 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32949>>

³ Pós-doutorado em Educação, com Bolsa FUSP, sob a supervisão do Prof. Dr. Naomar Monteiro de Almeida Filho, realizado no IEA-USP, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, de 17/07/2020 a 31/07/2021, e período posterior como Pesquisador Colaborador, ambos na Cátedra Alfredo Bosi de Educação Básica. Um resultado que ressalta o papel da escuta em diferentes experiências é: GATTI et al. **Uma cartografia na formação de professores para a educação básica: práticas e soluções inovadoras em propostas curriculares**. (Cátedra Alfredo Bosi de Educação Básica). USP, IEA, 2022. DOI: <<https://doi.org/10.11606/9786587773285>>.

peçoas é localizada em um tempoespaço histórico-geográfico, com as relações sociais e políticas que o acompanham.

A partir do que já foi exposto, dos exemplos dados, é evidente que a escuta entre pessoas possui foco (2ª característica). Seja ele de configurações similares às apresentadas, seja musical, seja na entonação, para entender melhor, seja o foco na camada de significados em palavras, seja em grupos ou pessoas, o foco da escuta, consciente ou inconsciente, é sempre uma escolha política, que nos posiciona. A presença do foco evidencia que é necessário escutar de maneira a aprender para além das palavras (3ª característica), entender a metalinguagem e a rede de relações, uma competência comum a seres humanos e essencial para a efetividade da comunicação. Que sempre necessita de todos os sentidos e diversas outras habilidades para emergir (4ª característica). Por isso também, a escuta entre pessoas, quando implicada e portanto responsável, é um problema que necessita de estratégias interdisciplinares, intersetoriais e interseccionais bem formuladas, a fim de garantir a sustentabilidade do diálogo, a permanência da memória e a possibilidade da imaginação, colaboração e criação conjuntas.

Ainda que o órgão da escuta não seja dotado de pálpebras para o fechamento da sensação, e que sejamos, por assim dizer, permanentemente expostos à sonoridade, aprendemos, no decorrer de toda a história, a não escutar como forma absoluta de silenciamento do outro. Negar a escuta de outros corpos acústicos é sobretudo recusar um espaço comum, compartilhado, do sensível. Aqui, estendemos essa escuta aos outros tidos como não humanos, sem linguagens, e colocamos a questão: como inaugurar uma nova forma de escuta? Sair da escuta que nos submete, nos atinge, controla nossos corpos e nossos movimentos, e partir ativamente, ouvidos atentos, em uma prospecção do mundo que habitamos? (Tugny, 2015, p.26)

O compromisso com a escuta implicada (1º argumento) — efetiva e responsável — marca a ação política, e quando é mútuo, reforça a confiança na relação. Muitas vezes esquecemos, que não há ação educacional, em qualquer nível e situação, se não houver confiança. E a confiança não é localizável, ela emerge dos processos. A escuta implicada é um dos caminhos para que emerja confiança entre pessoas ou instituições. A responsabilidade que emerge da escuta implicada é que muitas vezes não é desejada, principalmente quando desafia transformar as relações de poder.

4. Memória e imaginação sonoras

Algumas das memórias mais antigas da primeira infância estão ligadas ao som do rio que descia a encosta atrás da casa e mergulhava em um túnel, por baixo da garagem no andar térreo, para ressurgir 50 metros à frente. O rio era sazonal e a cada dia os sons eram diferentes, até a época da seca. Lembro de ficar feliz com a volta das águas e daqueles tantos sons que adorava escutar, que também eram um acalanto do sono e das manhãs junto às vozes familiares. Sempre tive curiosidade pela escuta interna, a imaginação sonora. Brincava de combinar sons internos às paisagens sonoras que se desenrolavam, gostava de repetir na cabeça sons que escutava no dia a dia e imaginar músicas inteiras, por exemplo, com os sons da água.

O som é transitório, sempre passa, como estas palavras. Esse o material da escuta, reconstruído pela memória e imaginação, como estas palavras. Parece estranho lembrar, por estar naturalizado, que ler nada mais é do que reconstruir o *som* das palavras, mesmo na leitura mental ou “silenciosa”. Na leitura, lembramos de sons com relativo grau de detalhe sem *escutá-los* no sentido dado aqui. O campo de significados toma prevalência ao campo sonoro, que entra em um apagamento como o do ouvir, mas que também pode ser escutado na imaginação, sem perder atenção nos significados, bastando para isso depositar atenção na sonoridade do texto, o que rapidamente se torna atividade criativa.

É interessante observar que ouvir-escutar também tem uma relação com a memória. Somos capazes de reconstruir da memória um som que apenas ouvimos sem dar atenção, de maneira a poder agora escutá-lo, lembrar detalhes, localizá-lo no espaço e até reproduzir. Para além das práticas musicais, onde tem papel fundamental, memória e imaginação sonoras estão em jogo em muitas situações cotidianas e interações humanas, geralmente naturalizadas, como em alguns exemplos acima.

Como estudante, encontrei poucas instâncias em que se procurava desenvolver a imaginação sonora. O que não é o caso da memória, que foi muito trabalhada. As pedagogias ativas na educação musical trabalham isso sistematicamente, no entanto, não é raro encontrar músicos que tem pouca consciência da imaginação sonora. Como docente, pergunto se já escutaram um mergulho e peço que imaginem o som de um mergulho à sua frente: essa é sua imaginação sonora. É interessante notar que a estratégia funciona melhor quando é dada a localização espacial (“à sua frente”). Geralmente, resalto depois o fato de que não nos referimos à onomatopéia, que também é imaginação sonora, só que está referenciada em um ícone textual.

Através da imaginação sonora é possível (re)construir um som de diversas maneiras, escutar detalhes, transformar, combinar, experimentar. Mesclar a imaginação com memórias, re-imaginar ou imaginar algo novo. Na imaginação sonora não há limites de altura, grave-agudo, nem mesmo para imaginar sem esforço uma nota que sua voz não cantaria. Também não há um limite dado de tempo ou duração, nem de timbres ou intensidade. Os sons podem ser manipulados no tempo e em qualquer outro parâmetro que se desejar ou puder imaginar. Para expandir a imaginação sonora é necessário exercitá-la (imaginar) e ter experiências significativas de escuta, apreendidas pela memória e reconstruídas na imaginação.

Memória e imaginação são produto e produtoras uma da outra. A memória produz imaginação e é (re)produzida por ela, a imaginação produz memória e é (re)produzida por ela. A imaginação sonora é interdependente da memória sonora, que é interdependente da escuta. Por isso, ter melhores experiências de escuta é essencial para desenvolvê-las. Podemos pensar o mesmo para um coletivo, na mesma chave de abdução que antes: a imaginação do coletivo é interdependente da memória, que é interdependente da qualidade da escuta coletiva. Vale lembrar que a memória coletiva não é só aquela que emerge do conjunto de indivíduos, mas também é constituída por toda memória compartilhada em qualquer outro suporte material.

5. Redes sonoras

Esta última nota toca em um tema eticamente delicado que envolve a escuta. O dilema ético está centrado na tradução entre espécies, procurando evitar a postura ou ação colonizadora. Busco abordar redes sonoras entre não-humanos (animais) de maneira empática, com o objetivo de contribuir para ampliar nossa escuta. Ao compreender como funcionam, entendemos o quanto ganhar consciência de que também construímos uma rede sonora humana pode ser essencial para nossa sobrevivência no planeta. Mas anoto apenas observações iniciais, sem grandiloquência.

Uma das características do funcionamento de redes produtoras de significados, é que há uma memória compartilhada, comum. Mesmo que o elo originário dessa memória se desfaça, a memória permanece na rede, como uma característica do *ser rede*. As evidências de que redes sonoras com essa característica, e outras mais, existem entre espécies não-humanas no planeta já são enormes. É o caso das Baleia-Jubarte, *Megaptera novaeangliae*, que compartilham melodias (*songs*) e vocabulário em torno do globo, entre gerações, sem terem todas se visto ou escutado (ALLEN et al., 2022). Esta e outras redes sonoras serão assunto de notas futuras, mas

gostaria de apontar rapidamente para a rede sonora das aves, a qual tenho escutado mais intensamente desde 2017.

Na rede sonora das aves uma outra característica fica evidente, a interligação ou interdependência da rede. Convivemos com ela todos os dias, mas para evidenciar a interligação, podemos compreender como essa rede é montada no espaçotempo de uma cidade. As aves não precisam respeitar certos limites do espaço à nossa volta na cidade, como nós. Não precisam seguir ruas, grades ou muros. Se o obstáculo não for muito alto, em geral não é problema atravessá-lo. Basta imaginar o olhar um pouco acima de tudo na paisagem, para compreender que as marcas do espaço estarão mais naquilo que se usa, como as árvores, e não nos diferentes caminhos humanos. É um espaçotempo amplo, aberto à escuta. Apague as ruas e tente imaginar a cidade como uma ave, escute.

Ao nascer do sol, as aves soam, montando a rede sonora diurna. Ao soar nesse momento, uma ave não só reafirma sua existência, como também sua posição no espaço. Esta, marca o território, constituído para si e os seus, nas disputas e colaboração por foragem e abrigo. Além disso, o som propaga algo do seu estado individual. E pode indicar quantidade de indivíduos ou grupos. Durante o dia, todas as vezes que uma ave soa, a rede está ativa e dinâmica, da mesma maneira, pautando relações entre espaçotempo, indivíduos e grupos. Com o que é possível (re)conhecer através da rede sonora, não há por que se deslocar para *ver* o outro. Portanto, todos os dias as aves montam e atuam numa rede sonora, essencial para sua sobrevivência, por reafirmar e operar sua interligação e, quando analisada como ecossistema, sua interdependência. Em favor de sua sustentabilidade, essa rede também tem uma memória que ultrapassa o indivíduo e emerge do coletivo.

O que a rede sonora montada por humanos que vivem em cidades parece indicar, é que entendemos muito pouco sobre interdependência. Por óbvio, a cidade tanto mais dilui a possibilidade das redes sonoras quanto mais poluição sonora tiver. Mesmo vivendo muito próximos uns dos outros, desprezamos as redes sonoras e, inconscientes, montamos uma rede sonora em grande parte inútil, do ponto de vista delas (redes sonoras), e que inviabiliza as outras. Em uma cidade com altos níveis de poluição sonora, a maior parte das aves não consegue montar uma rede sonora e precisa evadir. O que não é tão óbvio, é o quanto perdemos com a interdependência que se esvai junto. Pensando assim, fica mais fácil compreender o impacto sonoro da organização humana atual, na escuta nossa e de outras espécies. Por exemplo, a razão do tráfego

marítimo ser tão prejudicial às espécies marinhas em diversos pontos dos oceanos. Especialmente cetáceos, dos quais aqueles que apresentam dentes, incluindo golfinhos e algumas baleias, além de tudo, se utilizam da ecolocalização, um sentido derivado da escuta, para atuar sem precisar ver. O que as redes sonoras não-humanas parecem indicar, é que desperdiçamos um potencial enorme de co-existência ao não incluir a escuta implicada e atenta na formação de novas gerações.

Nestas cinco notas sobre a escuta, procurei definir a escuta de forma relacional e apontei quatro características derivadas, que constituem formas de relação com a escuta. A partir disso, fiz uma abdução dessas características para ressaltar seu caráter político, interligando esses processos com a memória e a imaginação sonoras. Ao mesmo tempo, abordei o papel da escuta na educação, em processos de colaboração entre pessoas e instituições. Por fim, anotei duas características de redes sonoras não-humanas, e humanas, que tem ligações, ainda implícitas, com as ideias apresentadas nas notas. A continuação da pesquisa que gerou estas notas, está na correlação entre o funcionamento das redes sonoras e as características da escuta apontadas. Na esperança do potencial da escuta para mudar as formas de nos relacionarmos com o mundo e renovar as práticas educacionais, estas notas procuram singelamente contribuir para alargar sua consciência, através da circulação de ideias que tem dificuldade de encontrar lugar no debate, talvez pelo caráter inter- e transdisciplinar.

Referências

ALLEN, J.A., GARLAND, E.C., GARRIGUE, C. et al. *Song complexity is maintained during inter-population cultural transmission of humpback whale songs*. In: **Scientific Reports**, 12, 8999, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41598-022-12784-3>> Acesso em: 25/7/2023.

FELD, Steven. **Sound and Sentiment**: birds, weeping, poetics, and song in Kaluli expression. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**. Palavras de um xamã Yanomami. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OLIVEROS, Pauline. **Deep listening**: A composer's sound practice. Lincoln: Deep Listening, 2005.

OYEWUMI, Oyeronke. **The Invention of Women**: Making an African Sense of Western Gender Discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.

TUGNY, Rosângela Pereira de. Modos de escutar ou: como colher o canto das árvores? In: SILVA, Helena Lopes da; ZILLE, José Antônio Baêta. Música e educação, Diálogos com o Som, v.2. Barbacena: EdUEMG, 2015. Disponível em: <<https://editora.uemg.br/component/k2/item/85-musica-e-educacao-serie-dialogos-com-o-som-vol-2> > Acesso em: 25/7/2023.